



JORGE JULIEN, O DIRECTOR E J. LAND O OPERADOR DE "INGENUIDADE".

Conforme prometti no ultimo numero de "Cinearte", tomo desta vez, para assumpto da nossa chronica, a carta que o amigo e collega Jorge Julien me fez, para participar a filmagem de mais uma pellucula de amadores.

Transcrevo para as nossas columnas a missiva do amator Julien, interrompendo-a apenas, aqui ou acolá, afim de applicar-lhe os meus commentarios pessoases, ou para responder a uma ou outra indagação do proprio Jorge Julien.

O primeiro paragrapho da carta do nosso amigo é assim (como direi?) um pouco benevolo demais.

Sinto-me até um tanto embaraçado, ao transcrevel-o para estas columnas.

Mas vamos por a modestia a parte e transcrevel-o —

"Prezado Sr. — Um amator que trabalha com uma camara, seja ella qual fór, e que está fazendo um film, e que s'interessa com os resultados obtidos no final da operação, nunca deveria deixar de gostar desses artigos. Deveriam lê-los, relê-los, procurar comprehender muito bem o que elles encerram. Quando encontro um artigo illustrado com graphics, fico satisfeito porque nada mais me agrada como um artigo instructivo acompanhado de graphics applicativos".

Neste ponto da missiva, pergunto a mim mesmo o que devo responder ao collega que me escreve. O gosto, parece-me, depende da vontade e não do dever. De uma coisa tal como destes artigos, gosta quem quer. Ninguém é obrigado a gostar delles; e, si não fóra a acceitação que têm tido, sendo que essa carta do collega Julien é disso uma prova, eu lhe garanto que já teria abandonado o meu posto aqui no "Cinearte". No ponto, porém, a que chegámos, fazer isso, a não ser que se tratasse de uma força maior, seria o mesmo que lançar um signal de desprezo, um insulto, á face de todos os amadores do Brasil.

Continuando, porém. Então o amigo "goza", quando apparece um artigo com os respectivos graphics? Muito contente por saber disso. Repare que o amigo, com isso, o que faz é encentivar-me para que arranje mais artigos e para que desenhe mais graphics.

"Recomecei a filmagem do meu film, e com grande satisfação communico-lhe que melhor não podia ser; correu tudo ás mil maravilhas, apesar dos cabellos branquearem de tantos excessos. A gente não deve gritar com os artistas, é a primeira vez que "posam" para uma camara, têm medo dos olhos indiscretos dessa camara, apesar d'eu não saber porque. Não é bicho que morda..."

Sim! Não é bicho que morda. Mas olhe, amigo Jorge: o verdadeiro "fan", quando entra em contacto pela primeira vez com a objectiva da camara, tem assim uma impressão semelhante ao collegial catholico que vae fazer a primeira communhão, de accordo com os ritos da sua creença.

Iso de gritar com os artistas, por seu lado, não é serio. E' preciso a gente dar o desconto, por que o artista nem sempre é um genio. E depois, amigo, em materia de Cinema, quem possue uma cabeça só para adorno não vae pra frente... Olhe: uma vez, alguns annos atraz, uma revista americana fez uma "en-



HELENA JULIEN

# CINEMA DE AMADORES

(De SERGIO BARRETTO FILHO)

quête" entre os artistas de Cinema de Hollywood, para vêr até que ponto ia a intelligencia delles. Pois os resultados foram todos positivos. Empregaram "testas" intellectuaes, e os artistas, entre os quaes estavam Mary Pickford, Betty Compton, Tom Mix, Pola Negri, etc., sahiram-se optimamente de todos elles.

"Segue, junto a esta, umas photographias, e, desde já, agradeço a publicação. Na primeira estamos eu, como director, J. Land, como operador, e mais um companheiro, como ajudante de operador. A segunda é uma scena do film com Helena Julien e Nino Cavalheiro. A terceira é Helena Julien, a interprete de "Ingenuidade", o film a que me refiro".

Muito bem. Todos os amadores gostarão de apreciar os seus photos. A Sta. Helena (sua irmã, por acaso?) é muito photogenica e tem um typo agradável. O photo n. 3 é o que mais agrada. O seu film, "Ingenuidade", tem pelo visto um ambiente campesino, e será, parece, a "Alma Campeoneza" do Cinema de Amadores.

HELENA JULIEN E NINO CAVALHEIRO NUMA SCENA DO MESMO FILM.

"Como estou quebrando a cabeça com o Cinema Falado de Amadores, queria saber si os discos virgens que as casas do ramo vendem já vêm sulcados, isto é, com os sulcos. Estou quebrando a cabeça e creio que faço alguma cousa sobre o Cinema Falado de Amadores; mas por enquanto ainda não me decidi. Mais tarde lhe darei noticias a respeito".

Escute, amigo: vamos falar um pouco sobre o phonographo. Nos Studios phonographicos, a gravação é feita toda ella pelo processo electrico. Este processo pôde resumir-se no seguinte:

Deante do microphone electrico, o artista canta ou recita o seu trecho. As ondas sonóras, transformadas pelo microphone em vibrações electricas, correm pelo fio electrico até uma outra sala, onde fica o qual regula a altura do som, por intermedio do que se chama o "controller". Assim pois, o som é gravado apenas na altura conveniente á reprodução posterior; nem alto demais, nem baixo de menos. Essa gravação é feita por uma agulha sensibilissima, adaptada á ponta de um "pick-up", que é o reproductor electro-magnetico. Um amplificador igual aos usados nos aparelhos de radio, bem como um alto-falante permitem ao "gravador" controlar a altura do som enregistrado pelo "pick-up".

Esse som, transformado pelo microphone em ondas electro-magneticas, passa pois pelo amplificador, desse vae ao alto-falante, é ouvido pelo "gravador", sendo controllado então na sua altura, é levado ao "pick-up", faz vibrar a agulha, e grava então o trecho executado nos sulcos já preparados de ante-mão na superficie de um disco de cera, sendo que a gravação é produzida aos bordos do sulco e não no fundo, e sendo tambem que essa gravação é produzida no sulco em uma especie de linha sinuosa. D'ahi, quanto mais alto será o som gravado.

Após a gravação no disco de cera já sulcado, este é levado ao laboratorio chimico, onde, por um processo de galvanoplastia, a cera é metallisada. E por fim, mettido numa prensa, o disco de cera metallisada, denominado "a matriz", vae servir, tal como o negativo photographico, para a impressão de tantos discos quantos se julgarem necessarios. Dessa vez porém, o disco já não é de cera. E' fabricado com uma pasta dura de ebonite. E eis pois, em resumo, como se fabrica o disco phonographico.

Agora, pergunta o amigo Julien si o processo Kodacolor pôde ser adaptado á Motocamera Pathé.

Não, respondo. Primeiro porque o film Kodacolor é um film especialmente preparado para o dito processo. Segundo, porque ha a necessidade absoluta daquelle philtro em tres côres, ao qual me referi quando expuz as bases do Kodacolor. Seria absolutamente impossivel adaptar o filtro á objectiva da Motocamera Pathé. E mesmo que assim fosse possivel, onde encontrar o film Kodacolor, mas com uma largura de 9 millimetros? E depois, como projectal-o, si haveria a necessidade de outro filtro? Seria uma utopia pensar em tal adaptação. A Kodak e a Pathé são incompativeis. Tanto que os films Pathé, em New York, não são de 9 mm., mas de 16, como prova o catalogo que eu tenho aqui sobre a meza.

(Termina no fim do numero)